

VISÃO DO CORREIO

O alto preço do impasse

Quando dois adversários decidem, simultaneamente, não apertar o gatilho, o silêncio costuma ser lido e assumido como prudência das duas partes. Mas raramente é. Na maior parte das vezes, é apenas o intervalo entre duas rodadas de um jogo que nenhum dos lados tem condições ou interesse de encerrar. É nesse intervalo que Estados Unidos e Irã parecem ter se instalado nas últimas semanas: declarações contidas da Casa Branca, contenção militar iraniana e uma estabilidade mínima no Estreito de Ormuz que serve de moeda de troca tácita entre as partes. O resultado, apesar de causar menos apreensão, não é paz. É a gestão negociada da tensão, e ela tem um custo que nenhum dos dois lados está disposto a pagar do próprio bolso.

Para a administração americana, conduzida pelas sinalizações de Donald Trump e de seu secretário de Estado, Marco Rubio, a equação é estritamente utilitária. Um mergulho em operações militares abertas traria desarranjos imediatos nas cadeias de suprimento e, consequentemente, nas bombas de combustível. Em um cenário em que a inflação reverbera no bolso do eleitor, qualquer choque no preço da energia ameaça o capital político do governo. A estratégia de prolongar o estrangulamento financeiro do Estado iraniano, apostando na exaustão de seus recursos no médio prazo, sem fazer qualquer concessão formal na frente nuclear, oferece a Washington uma imagem de firmeza sem os custos políticos e humanos imprevisíveis de operações terrestres.

Mas a aposta na asfixia econômica como substituta da resolução definitiva raramente alcança seu objetivo primário no tempo desejado. Regimes autoritários sob embargo costumam repassar o custo das privações à população civil enquanto blindam suas estruturas de controle — vide o que ocorre em Cuba desde os

anos 1960. Para o regime em Teerã, a manutenção dessa tensão calculada, sem o disparo de mísseis ocidentais, é altamente funcional: concede às autoridades locais a margem de tempo necessária para pacificar disputas internas de poder, lidar com o desgaste institucional e reagrupar sua influência regional.

O problema central dessa acomodação velada não é a eventual imposição iraniana, mas a paralisia que o impasse em si projeta sobre o mundo. Conflitos congelados têm precedentes históricos longos e custosos: a Península Coreana vive há sete décadas sob armistício formal, com dois Estados tecnicamente em guerra, e o resultado passa longe da estabilidade, com uma suspensão indefinida da normalidade, com custos econômicos, diplomáticos e humanitários que se acumulam silenciosamente.

Um congelamento por tempo indeterminado no Oriente Médio, região que concentra parte decisiva das reservas energéticas do planeta, carrega potencial de dano muito mais amplo. O frete sobe, os seguros encarecem e os contratos de longo prazo se tornam mais caros. Não porque o Irã cobre pedágio, mas porque nenhum agente econômico precifica bem o imprevisível. É a incerteza, não a ameaça declarada, que contamina os mercados. E são as economias emergentes, com menor capacidade de absorção de choques, as primeiras a sentir esse custo na forma de inflação importada, encarecimento do transporte e pressão sobre o poder de compra das populações mais vulneráveis.

Enquanto a diplomacia real for substituída por um compasso de espera calibrado por cronogramas eleitorais e conveniências domésticas, a estabilidade do Oriente Médio continuará dependendo de que todos os atores acertem o cálculo ao mesmo tempo, indefinidamente. A história mostra que esse tipo de acerto, mais cedo ou mais tarde, falha.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Consumo e progresso

Os economistas trabalham para alimentar o mercado financeiro. São formados para isso. Millôr Fernandes afirmava que, “se todos os economistas fossem postos um ao lado do outro, não chegariam à conclusão nenhuma”. Inibir o consumo com o aumento dos juros é uma invenção dos economistas em favor do mercado financeiro e do atraso do país. O Brasil tem condições de manter o comércio abastecido, em especial alimentos, que são o principal bem para o povo. As emendas parlamentares, quando tiram R\$ 60 bilhões do Orçamento para fazer obras eleitoreiras, também contribuem para minar o Orçamento federal. Sem consumo, não há progresso. O consumo incentiva a produção e gera empregos e desenvolvimento. Juscelino Kubitschek, em 1958, foi ao FMI pedir um empréstimo para fazer suas 33 metas de governo. O FMI deu uma cartilha a ele. Juscelino rompeu com o FMI e disse: “Não vou desenvolver o país com a fome do povo”. Emitiu dinheiro, houve inflação, mas, em cinco anos, adiantou o Brasil em 50 anos.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Escala 6 X 1

Um parlamentar no Brasil tem um subsídio mensal de aproximadamente R\$ 46.300 (valor que subiu gradualmente nos últimos anos). Somado a isso, há auxílio-moradia, verba de gabinete e o chamado “trabalho de base” nos estados, que, muitas vezes, resulta em apenas três dias de sessão deliberativa em Brasília. Do outro lado, o trabalhador, na escala 6 X 1, cumpre o limite constitucional de 44 horas semanais, tendo apenas um dia de folga (muitas vezes, rotativo). Isso significa menos tempo para a família, saúde mental e lazer. Muitos políticos que se opõem ao fim da escala 6x1 ou à redução da jornada para 36 horas semanais utilizam argumentos econômicos: alegam que a mudança aumentaria drasticamente o custo de contratação, o que poderia gerar inflação ou demissões em massa, especialmente em pequenos negócios. Argumentam que o setor de serviços e o varejo seriam prejudicados sem uma transição muito longa e subsídios governamentais. A crítica popular não é apenas sobre a viabilidade econômica, mas sobre a falta de legitimidade moral. É difícil para o eleitor aceitar um “não” de alguém cujo regime de trabalho e remuneração parece pertencer a outro planeta.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

Polarização

Eu gostaria muito que os líderes dos partidos da direita e da esquerda no Brasil assistissem à reportagem do *Jornal Nacional* falando sobre o encontro de Donald Trump com Xi Jinping. O presidente dos Estados Unidos está preocupado com o crescimento extraordinário da China na economia mundial. Eles deveriam assistir a essa reportagem para ver se aprendem que não ajuda em nada estarmos em um país em que políticos e governantes eleitos disputam entre si quem tem mais poderes. Essa polarização política vem atrasando o crescimento da nossa economia. Precisamos dar um basta nessa polarização.

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Detergente Ypê: bolsonaristas apoiam uso de produto proibido. Já tinha ouvido falar de lavagem cerebral, mas com detergente é a primeira vez.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Projeto antifacção: passou da hora dos presídios estaduais terem os mesmos equipamentos de segurança dos presídios federais!

Sandro Monteiro — Brasília

Brasileiros têm R\$ 10,57 bilhões em dinheiro esquecido: como alguém esquece dinheiro?

É mais fácil minha conta ficar zerada do que eu esquecer um real que seja.

Maria Elisa da Silveira — Brasília

Desenrola: um país que comemora R\$ 1 bilhão de dívidas negociadas em uma semana com os bancos, sendo que as pessoas não conseguem sobreviver com um salário baixo e os preços nas alturas, não pode estar falando sério.

Sônia Galvão Fonseca — Brasília

Ciro Nogueira

Ciro Nogueira diz que nunca recebeu valores ilícitos de Daniel Vorcaro e alega estar sendo alvo de perseguição política. Que bom que é isso, então! Assim, vai poder provar a sua inocência. Agora, o que não pode é, em não conseguindo provar e sendo preso, começar a ficar doente. Isso já está manjado!

» **Kelly Lage**
Brasília

Acesso à arte

O que faz bem para o corpo e para a alma ainda é visto como acessório. A ciência confirma que a arte, a leitura, a música, os museus, o teatro... Tudo isso é saúde, é proteção, é vida que se alonga com mais sentido, pois o cérebro envelhece melhor com a fruição estética. Mas, na prática, quantas pessoas conseguem entrar em um museu, pagar um ingresso, ter tempo para ler, encontrar um espaço de silêncio, de beleza, de respiro? O problema é que, no Brasil, nem todo mundo tem o direito de ser tocado pela arte.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Anexar a Venezuela?

A boçalidade parece ser a marca registrada de Donald Trump. Depois de capturar o ditador Nicolás Maduro, o republicano agora ameaça anexar a Venezuela. Chegou a cometer o despaupério de falar em transformar o país sul-americano no 51º estado dos EUA. Nem mesmo a presidente títere ou marionete Delcy Rodríguez gostou do que ouviu. Na semana passada, o titular da Casa Branca tinha insinuado que um ataque a Cuba também aconteceria em breve. Trump julga-se dono do mundo, capaz de desprezar a regra básica da diplomacia e da convivência harmônica entre os povos: o respeito absoluto à soberania. A simples ilação de apoderar-se de uma nação independente soa como ato típico de déspota. Não à toa, a Casa Branca fez uma “brincadeira” com as fotos do rei Charles III e de Trump quando o monarca britânico visitou os Estados Unidos: “Dois reis”.

À frente de um dos países mais ricos e poderosos (ainda...) do planeta, Trump está em franca decadência. O índice de aprovação de seu governo é de 39,5% — o mais baixo do ano e o segundo menor do governo. A taxa de desaprovção é de 59,8%, segundo pesquisa Atlas/Intel. A aventura militar no Irã é rejeitada por 59,2% dos americanos. Outro levantamento sugere que 25% da população creem que a tentativa de assassinato durante o jantar de gala de correspondentes da Casa Branca, em 25 de abril, foi uma farsa, um teatro promovido pelo governo.

Donald Trump vive de retórica agressiva

e espetacular. Talvez para cobrir, ou tentar abafar, os próprios excessos e erros. A guerra no Irã tem sido um completo desastre. Os sinais confusos e controversos do presidente sugerem falta de planejamento político e militar de uma guerra que parece ter sido imposta por Israel. Trump mordeu a isca e, agora, está complicado livrar-se do anzol. Sem acordo com Teerã, e depois de vários ultimatios não cumpridos, o republicano ameaça retomar os bombardeios. O problema é que nem ele nem seus assessores sabem como terminar a guerra.

A menção de transformar um país em 51º estado americano é um disparate, um blefe que merece a condenação da comunidade internacional. É preciso que alguém coloque um freio nas sandices de Trump. Uma pergunta: se a guerra ao Irã é motivada pelo programa de enriquecimento de urânio e pelo suposto plano de construção da bomba nuclear, por que Trump nada faz para anular o arsenal nuclear do ditador e déspota norte-coreano, Kim Jong Un? A resposta, talvez, seja a China — Pequim é aliado comercial e ideológico de Pyongyang. Sem resolução para o conflito com os iranianos, Trump prepara-se para pedir ajuda a Xi Jinping.

Se a política externa tem sido belicista, errática e agressiva, o contexto interno está longe de sugerir a bonança, a era dourada anunciada por Trump durante seu pronunciamento de posse e o discurso sobre o Estado da União. A economia americana flerta com uma recessão. Mau agouro para os republicanos nas eleições de novembro...

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS*
Localidade			SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br